

Conclusão

Momento e espaço de atar os fios possíveis, mapear os ditos e redizê-los. Nesse caminho, recorreremos, necessariamente, a paráfrases e às posições subjetivas que nos auxiliaram a demarcar.

Em nosso percurso profissional e acadêmico, fomos auscultando a língua em suas manifestações e a linguagem em seu funcionamento. A todas as palavras que construíram os textos e os discursos por nós lidos, analisados, interpretados, escritos lançamos uma contrapalavra. Esse o movimento que consideramos dever conduzir os processos de leitura e escrita em suas dinâmicas, sempre *determinadas* e *clivadas* – por situações e contextos de produção discursiva, por formações imaginárias, discursivas, ideológicas, pela contradição, pelos modos de reconfiguração discursiva, pelas posições subjetivas, pelo funcionamento do inconsciente –, para que se produzam por entre os escritos, as escritas; por entre o lido e o dito, os modos de ler e dizer.

Essa posição por nós demarcada – trabalhar *por entre* – construiu-se gradativamente e a partir de pressupostos teóricos e metodológicos.

De um lado, analisamos o que nos conformou como *sujeitos de pesquisa* em nossas experiências por ambiências escolares, como alunos, professores, coordenadores. De outro lado, tentando marcar a contraface dessa representação, analisando o que conformou nossos *sujeitos da pesquisa*, alunos universitários de uma instituição privada e de ensino superior específica, de cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia.

O que lemos, de um e outro lado, foi a solidificação de práticas discursivas que identificamos como marca(das) de (por) um processo escolar amplo e longo de construção e legitimação de representações, por meio de posições subjetivas assumidas, de instituições que as reproduzem, de discursos que as acionam, de textos que as materializam. O que salientamos e projetamos como foco de nossos interesses e de nossas preocupações é o fato de as representações se darem pelo trabalho simbólico da linguagem em suas manifestações discursivas – dentre elas, a língua em sua dinâmica significante –, e de uma análise e uma interpretação dos efeitos desse trabalho simbólico necessariamente terem de recair sobre a língua e suas atualizações determinadas por condições específicas de produção.

Quando a situação e as condições de produção encontram-se na instância da Educação, nos cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia de instituições de ensino superior, em seus suportes, instrumentos e cenários de inscrição subjetiva, vemos que a *representação* como processo conduz um movimento ainda maior de reforço e legitimação de determinadas

práticas de leitura e escrita, uma vez que são esses os processos basilares de conformação desses cursos e da área educacional (de um modo amplo) e objetos de ensino nos cursos de licenciatura. Esse movimento de retroalimentação discursiva tematiza nossas preocupações, já que, na ambiência escolarizada em questão e em muitas a ela assemelhadas, não é lido em seus modos de produção mas em suas representações pré-fixadas e assumidas como tais.

Dessa maneira, para que discutíssemos as representações e seus modos de produção, para que a descrição e a interpretação fossem postas em diálogo e entrevistássemos nesse confronto condições de rearticularmos conceitos, práticas, discursos, recorreremos, primeiramente, às próprias inquietações trazidas por Michel Pêcheux sobre escrita, sujeito, língua e enunciação do interior da Análise de Discurso (AD), área que conformou nossas reflexões.

Partimos do pressuposto de que não poderíamos discutir nossas preocupações a partir da AD caso não considerássemos suas áreas de constituição, a Linguística, a História e a Psicanálise. Se as tratássemos como disciplinas apartadas, não estaríamos mobilizando os princípios e procedimentos da AD, portanto tais áreas foram discutidas em conjunções e disjunções conceituais e teóricas.

O resultado dessa leitura em rede foi uma escrita igualmente em rede. Discutimos a representação sob a perspectiva da Linguística em confronto e confluência com a Psicanálise e a História. O mesmo procedemos com os processos de leitura e escrita, seus modos de funcionamento e articulação. Concorreram para essa trama reflexiva conceitos que fundamentam essas áreas, e que ora se complementavam ora se apresentavam como contraponto; o mesmo ocorreu com aspectos da oralidade e da escrita postos em relação. Tudo isso motivado pela observação de ser nosso objeto de estudo – as produções escritas de universitários de cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia de uma instituição privada – de natureza tão complexa como complexas são as práticas discursivas e as posições subjetivas que encontramos na ambiência escolarizada de ensino superior em estudo.

Emoldurando essas práticas e as (i) mobilizando, encontramos um modelo de ensino superior, que se organiza em torno da sujeição. Sujeição a modos de ler e dizer que desconsideram toda a herança teórica construída sobre a língua em funcionamento, sobre a dinâmica do processo de representação, sobre a inscrição do sujeito por meio de práticas discursivas. Sujeição a um funcionamento mercantilista que encontra na língua, nos textos e nos discursos construídos sobre demandas do econômico (que conduzem os cursos em geral e os de licenciatura em especial) as trilhas de um ensino *modelar*, objetivado, referenciado e reverenciando práticas que a cada dia distanciam os sujeitos de um ensino *escritural*.

Essa rede tramada dessa forma é a que nos mobilizou como sujeitos de pesquisa, como professores e coordenadores à proposta de *gestos de leitura e interpretação* que interliguem os sujeitos institucionais em *gestos de autoria*. Dessa maneira, atamos nossos fios finais aos do início e recorremos, por uma vez mais, a Pêcheux em um de seus últimos questionamentos: “em que condições uma interpretação pode (ou não) fazer intervenção?” (1997, p.318)

Projetamos que tal intervenção, se possível, deve ser tramada em rede e “em espiral”, assim como os discursos, os sujeitos, os processos de leitura e escrita, assim como a linguagem que se pretenda mobilizadora, assim como

o processo de uma AD de tal maneira que esse processo seja uma interação [...] combinando entrecruzamentos, reuniões, dissociações de séries textuais (orais e escritas), de construções de questões, de estruturações de redes de memórias e de produções de escrita (Ibid, p.318).

O que o autor lançou como questionamento assumimos como afirmação e indo ao encontro de um *como* posto por Pêcheux no início dessa sua inquietação (*como* conceber...), reiteramos nossa proposta para a Educação, para que o discurso pedagógico, por meio de seus sujeitos, interrogue-se de seu interior sobre o que quer, sobre como significa, sobre seu discurso escolarizado.

De nossa parte, como sujeitos de pesquisa, consideramos que promovemos *gestos de interpretação* lidos por nós em correlação com as condições em que possam se configurar como *gestos de intervenção*. Dessa posição, auscultamos o *batimento* entre as articulações teóricas e acadêmicas e as dinâmicas que envolvem o processo de leitura e escrita no cotidiano escolar.

O jogo entre subjetividades (históricas, languageiras e inconscientes) que identificamos no discurso escolarizado e que representamos nos eixos paradigmáticos intercambiáveis (à página 192) projeta a rede complexa a se considerar na leitura - por parte de docentes, gestores, pesquisadores, analistas de discurso - do funcionamento discursivo, para que, por entre suas relações, se possa ler e dizer na *movência*.

Da mesma forma, os planos e percursos de abordagem da prática de leitura e escrita em ambiências escolares (à página 291) indicam a possibilidade de alternância de posições subjetivas frente à modulação discursiva produzida pelos movimentos parafrásticos e polissêmicos.

Nossa intenção de indicar sobre-sob quais elementos os movimentos de leitura e escrita do sujeito em enunciação se processam e como indiciam os de autoria (à página 307) revelam o imbricamento entre formações discursivas, gêneros e posições subjetivas.

Por fim, nossa proposta de reconfiguração discursiva (às páginas 308 e 309) que considere os *gestos de leitura* (dos docentes, gestores, pesquisadores, analistas de discurso) sobre os *de escrita* de nossos sujeitos da pesquisa demandam um olhar do discurso pedagógico sobre ele mesmo, sobre suas práticas, intenções e interesses.

Pensamos, assim, ter honrado a AD, as disciplinas que a conformam, nossas filiações teóricas e, mais que isso, nosso objeto de pesquisa, ao fazê-lo revelar-se em complexidade e, em decorrência disso, exigir para ele um olhar investigativo em profusão, em espiral.

Dessa forma, a partir de todos esses movimentos, intentamos promover *gestos de interpretação* (próprios e alheios), em que, assim como projetamos para os discentes em formação, os docentes e gestores circulem, em seus movimentos de leitura e escrita, entre uma *autoria circular*, uma *autoria contextual* e uma *autoria interdiscursiva*, para que a repetição caminhe para a reelaboração e esta para a apropriação.

Desse modo, entrevemos um caminho para a Educação, que necessariamente passe pelo circuito de leitura e escrita - que a constitui - e que se processa em redes significantes e não ao largo de seus princípios, procedimentos e funcionamento. Decorre desse outro trilhamento, há tempo percorrido, uma outra investida, a nosso ver *insignificante* em seus discursos na e pela Educação.